

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ**  
**CASA DE OSWALDO CRUZ**

***JIM WYGAND***  
**(Entrevista)**

## Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Encontros Etnográficos e Antropologia em Rede: a favela do Jacarezinho e a pesquisa de Anthony e Elizabeth Leeds na década de 1960.

Entrevistada – Jim Wygand (J)

Entrevistadora – Rachel Viana (R)

Data – 18/04/2019

Local – São Paulo/SP

Duração – 3h56min

A citação de trechos do sumário deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

WYGAND, Jim. *Jim Wygand. Entrevista de história oral concedida ao projeto Encontros Etnográficos e Antropologia em Rede: a favela do Jacarezinho e a pesquisa de Anthony e Elizabeth Leeds na década de 1960*. 2019. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2023. 27p.

## SUMÁRIO DA ENTREVISTA COM JIM WYGAND. SÃO PAULO, 18 DE ABRIL DE 2019.

Obs. No caminho para o local de entrevista, o depoente narrou uma situação passada no campo com Tony, a discordância metodológica com Tony e como ganhou a confiança dos moradores. Ele e Tony num bar, ouvindo a conversa entre dois homens. Um deles devia dinheiro a outro. Um estava cobrando dinheiro, o outro estava negando que devia. Jim percebeu que a conversa esquentava e disse a Tony: vamos embora. E Tony insistiu em ficar para ouvir a conversa entre os dois. A conversa foi esquentando até o momento em que o cobrador puxou a arma para o devedor. Acabou matando-o.

A discordância metodológica entre Tony e Jim era a ruralidade. Jim não pensava que todos eram urbanos. Via que não era todos os moradores que tinham se adaptado bem aos valores urbanos, que alguns tinham ethos rural.

Como ganhou a confiança. Ao chegar, foi apresentado aos moradores pelo delegado, o Sargento Sampaio. Este passou por vários lugares na favela dizendo: “esse americano aqui vai ensinar vocês a trabalhar. Acabou a vagabundagem aqui”. E repetiu isso diversas vezes, inclusive na rádio comunitária. Para desfazer isso, aceitou convite de tomar cachaça com alguns moradores. Estes estavam pedindo bebida pra Jim pagar. No final, Jim disse que não ia pagar. Saiu do bar sem pagar e disse que a conta era deles. Aí ganhou a confiança. Porque viram que ele também era malandro.

PARTE 1 - Minuto/ assunto total: 1:04:22

-1: 04:22 carnavais malandros e heróis – tentar colocar lado humano para economistas, galera do corporativismo. País hospitaleiro, mas país pobre.

-1: 02: 30 trajetória pessoal. Nasceu 42 Nova Jersey família pobre guerra ninguém tinha grana. Solidariedade era maior. Como foi concebido num passeio. Dificuldade da mãe, movimentação com bebê, amamentação troca de fraldas dentro do trem. Aprende tolerância porque não tem outra escolha. Depois da guerra voltaram, moraram num projeto público de habitação que era depósito de bombas. Escola católica, freiras e pobres irlandesas, punição corporal. Valor aprendido: ser honesto e ter coragem. Academicamente era fracasso. Em 1957 o pai era gerente da Dupont. Foram para Carolina do Norte e foi primeiro encontro com racismo institucional. Tinha em Nova Jersey também, mas na Carolina do Norte, diziam lá, “o preto aqui sabe o seu lugar”.

-58:53 quando você está no Sul ele também sabe, mas é lembrado a ele toda pela separação de banheiro bebedouro. 58: 29 Contradições do racismo. Trabalho numa loja de roupa. Vestiário pra preto e pra

branco. Gasto com 4 banheiros, dois bebedouros. Dois vestiários. Ele perguntou o que fazia quando preto experimentava a camisa e não levava. Botava de novo pra vender? Porque se não pode fazer xixi e beber água, como é que revende a roupa suada dele? Ele disse que era ridículo e desafiava qualquer razão. Tinha que ter duas lojas.

-56:48 mesma coisa, posteriormente foi morar em [Murble?] Beach, Carolina do Sul. E tinha [?] Beach Sul, o Norte e no meio que tinha uma comunidade negra antiga. Separada por essa comunidade no meio. Cerca que separava as duas praias dos pretos e brancos. Ia até 100 metros dentro da água. Eles não se misturam de qualquer jeito? Por que cerca até o mar? Por que 100 metros? Por que não 99, 101? quem fez o cálculo que distância adequada era 100 metros? Policial disse: “está brincando?” Ele disse: “Não. Tem que ter explicação par isso”. Perguntou se era no Norte. Esses absurdos desse líder... Ou você entra no jogo ou você começa a tirar sarro, porque não tem condição.

-53: 52 E o Brasil tem um certo racismo que é diferente, é tolerante na superfície porque se você vai .. clube caiçaras, clube paulistano, harmonia, nem os garçons são negros. E ficam falando que adoram música negra... e você diria é só fator econômico. Não é. Uma boa parte é. Mas o fato de não haver nenhum preto rico? Tem alguns que tem dinheiro, mas se tentar entrar no Harmonia e no Paulistano, não vai conseguir entrar.

-52: 48 Eu tinha um amigo... eu trabalhei no Banco Chase. Odeio banco. Esse pessoal é fogo. São arrogantes a ponto de não saber sua própria ignorância. Um primo da mulher trabalhava na Nucleobrás, Nuclep. Precisavam de grana, e pediu favor. “Quer fazer empréstimo?” Aceitou. Jim chegou na área de operações do banco. Perguntou Jim: “tenho um primo na nuclep, eles querem grana, como estava no banco, pediu pra eu intermediar”. Resposta: “Vou ter que saber qual e a política nuclear do David Rockefeller”. Jim: “Ele tem política nuclear? Não é para fazer bomba, é para material. Não há política do banco? Tudo depende do Rockefeller? Temos bomba no banco?” Eu disse: “Esquece”. Eu disse que meu futuro no bancaria não era...

-50:27 High Scholl na Nova Jersey até primeiro ano clássico. Foi pra Charlotte primeiro, na Carolina do Norte. 15/16 anos. JC penny camisa. Depois pai se aposentou, 55, 56 anos e se mudou para praia. Começou com trailer. Nessa praia que tinha cerca.

-49:06 tinha 15, 16 North Caroline. Adulto profissional trabalhando na praia do sul com a cerca, já tinha 2 filhos. Agora vou preencher essa lacuna pra você.

-48:39 eu fui pra universidade Carolina do Norte mas como minha juventude era uma juventude protegida, isolada. 7500 pessoas onde nasceu. Em 57, 55, grande parte era italianos. Meu romance e

sobre essa cidade. Eu achava que podia fazer faculdade sem frequentar a aula. Jogava bilhar, bridge, tudo isso, menos estudar. Eu consegui fazer três anos assim, mas não deu média suficiente pra se formar. Estava estudando letras. Ia ser professor de inglês e literatura. Sabia escrever, mas não sabia contar. Percebi que não ia achar interessante. Adolescente é difícil. Então, eu disse: não sei. Vou me buscar.

-46:51 Então eu saí da faculdade. Fui chamado pra fazer serviço militar. Perdi por uma questão de horas ir pro Vietnã. A unidade que entrou atrás da gente de soldados comuns foi pro Vietnã. No início do Vietnã só boina verde, assessor, etc. Guerra foi crescendo e foram chamando praças.

-46:04 Tanto que um amigo meu uma vez me contou. Racismo é mundial. Tinha um cara na unidade dele com um dizer na frente. “Nenhum vietcongue nunca me chamou de negro”. Tinha uma matança de oficial, passava na tenda do cara e jogava granada, granada de fragmentação, uma morte horrível. Porque não queria morrer também. E o cara era racista e botava os negros pra fazer os trabalhos mais perigosos e poupava os amigos.

-45:12 – então esse negócio eu cito isso porque hoje um dos problemas dos EUA é o racismo e é um problema no Brasil também e por alguma razão isso se universalizou e se normalizou de tal maneira que a favela fica no meio disso e nem sempre a favela é tudo preto. Um amigo meu aqui em SP se referia à favela como senzala, mas é longe de ser senzala hoje em dia

-44: 27 mas aí enquanto eu tava no exército, eu disse: “eu vou entrar para o Peace Corps. Vou fazer alguma coisa pra redimir minha reputação de vagabundo. Então servi exército, depois entrei no Peace Corps e vim pro Brasil, Jacarezinho”.

-44: 04 Rachel: você escolheu o Brasil ou eles escolheram? Jim: eles me ofereceram duas possibilidades tinha que puxar algumas cordas pra poder ir pro Brasil porque era entre Brasil ou Serra Leoa. Eu vi que Serra Leoa era muito roça. Eu disse, aquilo é muito roça, eu já morei na roça. Então Brasil, pelo menos, estou no litoral ocupado por cidades, então...

-43:32 eu tive sorte porque tinha 3 que ficaram na Guanabara e eu fui um deles. O projeto de Guanabara era saúde e organização de comunidade. Eu fiquei com organização de comunidade porque eu gostava da ideia.

-43: 05: Mas com governo militar você não organizava nada, nem comunidade nenhuma. Porque chegava o policial e dizia: o que e que tá fazendo ai rapaz? Eu tô ajudando o povo a defender seus direitos. Ah, é? Tá preso. Então

-42:51 – isso aí não dava. Aliás, peço desculpa minha aparência, porque estou fazendo trabalho

dentário.

-42:40 – Janela irrita. Fazendo implante.

-42: 25 – DOC [Desenvolvimento e Organização de Comunidade]. cheguei a aplicar tudo que aprendi no Brasil nos EUA e funcionou maravilhosamente; eu tinha lido Saul Alinski, eu recomendo. Especialista em DOC. Eu li durante o serviço no PC e depois quando voltei pros EUA. O outro é o [Noam] Chomski. Não li antes do Peace Corps. Só li Shakespeare antes do PC. Você conheceu Gilberto Paim? era assessor do Roberto Campos.

-40:57 Ele dizia “o americano citando Shakespeare, morando numa favela. To be or not to be.”

-40: 46 mas ele ria porque as vezes eu usava, uso até hoje. Voltando: Eu estava no Jacarezinho. Te contei a história do sargento da polícia, que ia ensinar a galera trabalhar, ia fazer todos esses vagabundos trabalhar, me levou para passear na favela, apontava para mim e dizia “esse cara vai mostrar pra vocês”. Me levou para passear: “esse cara vai mostrar...” Às vezes, quando prendia os maridos, e se a mulher era bonita, ele fazia proposta indecente pra mulher. O cara era horrível. Sargento Sampaio.

-39:49 – uma vez no ensaio de escola de samba, estava lá ele. Eles comiam galinha de borracha. Galinha de escola de samba. Ele [a galinha] morreu lutando. Porque é barato e escola vendia feito na brasa pra você ajudar a escola. Eu estava num ensaio no Bloco Não Tem Mosquito e Ari, o passista, eu gostava dele, ele me ensinou uma porção de coisas. Aí Sampaio estava lá e eu tinha um amigo meu que morava na Vieira Fazenda, Oswaldo Queirós. Ele era... trabalhava na bolsa de valores no Rio entregando cupom de ações e então entregava ações. Chegava com ações ao portador, botava em cima do balcão do botequim e tinha um milhão de cruzeiros lá dentro e ninguém mexia, ninguém não fazia nada ou era porque não sabia o que valia o papel ou simplesmente porque ele era do local. Mas Oswaldo era muito engraçado porque... mas o que que foi? Ah! que ele tava comigo nesse ensaio e ele viu um cara correndo atrás do outro. Ele bateu no meu peito, me jogou para trás, eu fui contra a parede que tinha lá numa casa e eu ouço assim: pá pá. No dia seguinte estava no chão Sargento Sampaio com a boca cheia de formiga.

-37:21 Alguém não gostou desse cara. Ficou esperando até 2 ou 3 de madrugada. Depois do ensaio de escola, todo mundo saindo, todo mundo indo embora, e aí aproveitou e matou o Sargento Sampaio.

-37:09 ninguém chorou, ninguém se importou. Mas nunca mais teve delegado lá dentro da favela.

-36: 57 Rachel: mas você escolheu Jacarezinho ou você foi enviado? Jim: não, não eu... David Morocco, que escreveu sobre escola de samba, estava trabalhando no Jacarezinho e ele estava pra sair

porque tempo tinha terminado. Então me colocaram lá com ele. David era um cara porra louca. Ele virou grande amigo do Tony, mas me parece que ele não se formou como ele prometeu a si próprio. Porque que ele queria tirar o PhD em antropologia e tal e acabou que tirou administração de empresa, foi vice presidente de uma cadeia de farmácias nos EUA.

-36 04 o David era um cara muito simpático, gostava muito dele. A música dele, que ele adorava era “Chove Chuva” do Jorge Ben. Então onde nós chegávamos, ele cantava e dava alguns passos, assim, um cara charmoso, muito simpático, muito engraçado

-35:40 Rachel: você sabe onde quando ele nasceu? Ele nasceu em Boston italiano, south site. Só isso que sei dele. Não sei o que que ele fez faculdade etc. Ele rapidamente aproveitou e saiu do Jacarezinho. Não sei pra onde é que se mandou e eu fiquei morando lá no quarto que a gente alugou. Aquele quarto era muito famoso. Antônio Carlos ia lá tomar cerveja de vez em quando e tinha um cara também preto que fazia magia negra e todo mundo tinha um medo desse cara e Dona Maria que era dona da casa. Imagina o nome dela: Dona Maria Schmidt Paiva, portuguesa com alemão, morando numa favela no Rio de Janeiro. Seu Orestes e Lucy, Lucia ainda mora no Rio. É professora primaria, eu mandei e-mail para ela, mas não me respondeu.

-34:13: Rachel: ela mora no Jacarezinho? Jim: Não, ela saiu do Jacarezinho, mora lá na área porque o Antônio Carlos conhece ela. Antônio Carlos é meu amigo. É um cara muito simpático. O pai dele era militar da marinha.

-33: 17: mas a Dona Maria, um dia, por exemplo, eu levantei, eu ia para um festa qualquer, tinha almoçado, fiz barba. Você vai fazer barba depois de comer? Eu disse vou. Você pode morrer. Eu conheci...

-32 40 Mas David era uma peça. Até pouco tempo atrás eu correspondia com ele. Eu fazia muita referência a ele.

-32:14 Até mês passado eu fazia relatório mensal sobre economia mundial, riscos, gestão de risco com ênfase em relação ao Brasil e de vez em quando eu fazia referência as coisas que passava na favela, botei David na lista de assinante e ele fazia comentário, mas não sei, porque a minha idade... não sei se ele morreu, se teve algum problema, porque ele teve problema de pressão. Eu perguntei Antônio. Antônio falava com ele com frequência e eu tive problema: computador, dados foram embora. Tive que refazer lista.

31:04 David era um cara simpático e trabalhávamos na sede regional do Méier e num hospital lá fazia parte do projeto de saúde e organização de comunidade, mas com os militares, não fazia nada.

30: 20 Rachel: O que era exatamente a organização de comunidade? Jim: Subversão! Você exigir direitos, e favelado tem uma carência de direitos muito grande. Então organizar pessoal, mutirão, qualquer coisa, eles diziam: não, não, o estado faz isso.

-29:55 Rede de água, por exemplo, que é... eles faziam de mutirão, que é um trabalho quase assassino. faz um furo no aqueduto da cidade, vem com pressão quando penetra do outro lado, abre, tem que sair, porque vem com pressão, é uma bala. O pessoal fazia rede condomínio de usuários, pagavam mensalidade para manter água, que era péssima. Pra tomar aquilo tinha que ferver três vezes. Às vezes saía fezes da torneira. Horrível. Tinha o rio Jacaré.

-28:28 Rachel explica onde trabalha.

-27:57 Jim: vou contra um história do Tony. Enquanto eu estava no Peace Corps, a gente trabalhava juntos. Tony estava falando de moral, e roubo, e ele disse: “roubar não é nada mais do que uma maneira de uma redistribuição de renda”. Eles (Tony, Liz, David e Jim) vão para São Conrado e tentam roubar calça de Tony quando ele foi se banhar. Jim avisou Tony dizendo que estavam fazendo redistribuição de renda com a calça dele. Tony ficou puto, disse: “sai daí”. Jim: “Tony, é pobre, está redistribuindo renda”. 25:57

-25: 58 mas Tony era assim, às vezes, um pouco inocente. Não sei qual criação a dele, mas inocente em relação à malandragem da vida. Quem nasce em Nova Jersey nunca é. Aqui em São Paulo às vezes bate testemunha de jeová na porta e digo: eu sou de Nova Jersey. Ninguém é testemunha de nada, e hoje tudo mundo é mafioso.

-25: 00 Jim: Aonde parei antes de fazer desvio do Tony com a calça? Redes de água, serviços públicos de organização de comunidade. As pessoas faziam substituição de tudo. Rede elétrica, rede de água, esgoto porque a ideia era organizar o pessoal em torno disso. Vai fazer organização de rede de esgoto para Jacarezinho que tinha 50 mil pessoas na época? De mutirão? Pelamordedeus. Então a gente fazia assim, localmente, alguma coisa se pudesse se pudesse rede de água era mais simples, pagava um cara para furar e outro para fazer contato com rede elétrica. Rachel: então por isso é que tinha várias redes de água, né? não uma só. Jim: exatamente 23:47

-23:48 Ramos, por exemplo, era chefe, era zangão que eles chamavam, ele controlava várias redes de eletricidade e cobrava. Por isso que ele era o bambambam da favela. Mas você organizar o pessoal, qualquer organização chamava atenção dos militares. Eles sempre usavam os caguetes da favela: “tem um gringo ali, tá falando de organização de comunidade”... então... como eu tinha um avô que era comunista, organizava o sindicato nos EUA.



-22:53 ele era famoso mesmo eu pedi um livro agora que ele tá citado varias vezes um veterano comunista fala. Nome: Jobi [Dughr] era órgão de pai começou trabalhar nas minas de carvão com 9 anos de idade organizou greve dos meninos que trabalhavam na região da Pennsylvania, área de carvão nobre, pedaço de xisto grudado e xisto tem muito enxofre, então pega fogo na chaminé das fábricas. Breakers para tirar pedaços de xisto. Jogavam pedras nas costas deles. Ele organizou greve.

-21: 15 Rachel: então você não era anticomunista? Jim: não, pelo contrário não era nem pró, nem anti. Eu sou antiautoritário, detesto autoritarismo. Me adaptei mais no exército porque achei exército um treinamento, eu não ia levar a sério pelo resto da vida.

-20: 40 Uma das minhas coisas favoritas era pintar meio fio. Serviço no exército. Malandragem pra sempre ser colocado pra pintar meio fio. Em Oklahoma. Soube do trabalho de pintar meio fio de cal. Ninguém nunca soube dizer nome dele no exército.

- 17: 55 caso da guerra simulada. Buraco não camuflado, faz outro. Esses caras são grandes psicólogos porque eles lidam com todo tipo de gente. Porque era época de constituição. Na minha unidade tinha um cara PhD em filosofia de Berkeley e outro que morava em casa de terra batida em Georgetown (?), nunca tinha visto um aspirador de pó, uma enceradeira, nada disso, super simpático o cara, eu confiava mais nesse último, porque era bom atirador. Então tinha essa mistura. Se você soubesse fazer o jogo do sistema, você se divertia. Os sargentos são bastante inteligentes, então eles jogam com essas diferenças sociais também. “Quem fez faculdade?”

- 16:05 “Sou eu”. “Então, sabe fazer buraco. Vem cá”. Então eu fiz aquele buraco... Fez 6 buracos.

- 15: 30 Função da vida militar é acabar com a personalidade individual e botar uma personalidade coletiva, porque você vai morrer e correr em frente a um cara que está atirando contra você. Não é natural. então tem que vencer intuição de indivíduo. Por isso raspam o cabelo, todo mundo de verde

- 14:50 por isso que gosto do Rio, porque na praia ou você está de cueca ou de sutiã e calcinha, você se mistura com gente que tem terno, mistura grande e ninguém dá bola pra isso. Acho muito simpático esse tipo de tolerância e convivência e no exército você tinha isso também. Se você soubesse

- 14:21 confiar nos caras. O racismo era fogo. Tinha um cara da minha idade fez faculdade dos pretos em Charlotte. Quando tinha marcha forçada, você ficava cansado. “Street [?] vem cá. Vamos fazer o seguinte: vamos anestésiar nosso exercício de 30 milhas. Eu levo cantil de conhaque e você de água, quando descansar, vamos tomar conhaque juntos. E tinha um cara de Alabama, Kutz. Chegamos de uma marcha e ele me disse “Wygand, eu vi um branco e um negro juntos”. “Sim, e daí?”

- 12:09 “me deixa em paz, Kutz. Eu conheço ele e quero ele junto comigo. Não vejo a cor dele”.

- 11: 39 naquela noite vi um cara correndo. Era Kutz com baioneta na mão. Jim desarmou Kutz.
- 10: 42 Jim diz que não entende esse tipo de coisa. Reunião da galera da High Scholl. Causo do uso do pente. Compartilhar pente causou estranheza em colegas de classe.
- 9: 48 Jim: Acho que isso é problema social mundial. Acho que tem a ver com urbanismo, separação de classes e vizinhança etc. e tal. Mas meu caso com Silvia. Tinha vizinha que era metodista, Carolina do Sul é tudo metodista fundamentalista. Esperaram eu sair, mãe saiu. Silvia estava sozinha. Em casa pra ver se ela era negra. Ela falava mal o inglês naquela época. Uma pegou no cabelo dela pra saber se era pixaim. Eu queria matar.
- 8: 32 Eu não fui. Aquela mulher era fogo... causo da vizinha e da filha dela que era a mais puta da vizinhança, filha de um dos helders da vizinhança.
- 6: 25 Rachel: tem coisa interessante no relato: malandragem nas favelas New Jersey, exército... Jim: exatamente porque fui criado numa cidade... italiano, quer dizer, dialeto siciliano era quase segunda língua. Toni Baldini cortava o cabelo de Jim. Causo da malandragem de New Jersey – falou algo na frente de uma senhorinha siciliana. Baldini perguntou onde aprendeu.
- 4:20 Pra você ver. Meu nome é Wygand. Da minha mãe é Duar, holandês, cortando cabelo com Baldini e parente. Tive que aprender a malandragem. Tive um jogo de número, jogo de bicho lá na escola.
- 3:53 Causo do jogo do bicho na escola. Colhia as apostas. Benny caguetou ele pro padre. Livro de apostas foi pego na escola. Apanhou do pai e do padre.
- 2: 01 Essa é a malandragem. Porque uma vez ganhei jogo do bicho na cabeça apostando na vaca no Jacarezinho. Aonde havia uma guerra naquela época, havia os Mangualense de Salgueiro e o bicheiro da nossa vizinhança para territórios do jogo do bicho. Dona Maria acordou de manhã e disse que sonhou com vaca, pediu pra jogar na vaca. Foi lá apostou na vaca, chegou em casa mais tarde, mandaria sorrindo, pedindo para ele pegar dinheiro. Foi lá estava o carro da polícia carregando defunto do lugar de apostas. Era o bicheiro. Magualense chegou e matou, não ganhou nada.

Vai ao banheiro e volta.

-2:18:05 Rachel: Como você chegou a fazer pesquisa? Como conheceu o Tony?

-2:17:52 Jim: Tony dava aula no nosso grupo de treinamento do Peace Corps nos EUA em [???] Wisconsin. Quando saí do exército, tive que usar, eu te falei, puxei algumas linhas de contato. Quando

estava na universidade do North Caroline, fazendo nada, conheci o filho do senador Charles... tive que dar baixa, 48 horas antes do meu dia final, fui falar com capitão. Eu... capitão era um aspone(?) caxias. Vou entrar para o Peace Corps, queria saber se posso dar baixa 48 horas antes pra poder pegar o grupo que vai pro Brasil. Regra é regra, soldado. Aí mandei carta para Charles Jones que era filho do senador, tenho chance de ir pro Brasil, PC e preciso dar baixa. Dois dias não vai fazer nenhuma diferença. Não adianta me negar isso, porque não sirvo pra nada. Ele falou com pai, mandou carta pra comandante da base, que falou com coronel, chegou até capitão, que falou que poderia sair por causa da investida do senador. Capitão chamou ele de covarde. “Não tava fazendo nada aqui. Só pinto meio fio”. Me deixou sair, entrei pro grupo de treinamento em Milwaukee. Devido a vizinhança italiana, era coroinha de igreja, rezava as missas em latim, tinha facilidade para assimilar línguas. Então quando Tony deu Brasil, ele tinha dado aulas sobre antropologia, sociologia das favelas e tal, porque o pessoal de um grupo vai pra vários lugares. Meu amigo foi pra interior da Bahia, outro foi para Alagoas, Salvador, etc. -2:14: 32 Rachel: você lembra o ano do curso? Jim: 1965. Tony deu aula lá e ele deve ter me achado... porque tinha o grupo de Milwaukee aí, porque David também fez treinamento em Milwaukee na Universidade de [market ?]. Eu acho que Milwaukee era um centro de treinamento regional para ir pra o Brasil, mas o Tony veio falar comigo lá no Jacaré... aí me falou... ele percebeu que eu tinha boa relação com pessoal justamente porque não tinha o que fazer, não podia fazer desenvolvimento e organização de comunidade e era respeitado como malandro.

-2:13:34 então ele disse queria fazer pesquisa. Eu disse ok, estou fazendo nada, não tem meio fio pra pintar. Então comecei a trabalhar com ele e eu tinha uma senhora, Dona Laudemira, que tinha um terreiro de macumba lá. Jacarezinho passa um rio dessa largura e dessa profundidade. Cheio de lixo, fezes, esgoto aberto. Toda vez que chovia transbordava e entrava no terreiro da Dona Laudemira e ela não sabia ler e escrever, eu estava dando aula de alfabetização para ela e quando chovia, eu corria pra casa dela e ajudava a tirar os santos e exus, para guardar. Então Tony percebia que eu tinha trânsito com o proletariado da favela, por isso que a gente se dava bem . Eu saía com ele pra vários lugares.

-2:11:50 Eu conheci 220 favelas do RJ porque eu fui trabalhar na COPEG porque durante esse período, estava de saco cheio de fazer pesquisa pro Tony e Tony não pagando nada, nem dizendo o que fazia com aquelas informações, porque eu sou muito utilitário. Se é para pegar informações é para fazer alguma coisa com elas. Não é para ganhar [??] na faculdade. Então, tava trabalhando com Tony. E a gente fazia um grupo, 6 voluntários permanentes, Charlie, David, eu, ia de favela em favela batendo papo. Borel, Salgueiro, me dava bem com pessoal de Mangueira.

7:52 La eu quase morri, teve um ensaio, mas tinha uma mulata dançando de biquíni branco, linda de morrer. Comentei com homem do lado. Tinha cicatriz enorme no peito. Juvenal era o presidente da escola. Falei com Juvenal “Que mulher bonita. Quem é?” . “Noiva desse cara ali da cicatriz”. “Qual o apito que ele toca?”. “Por enquanto nada, ele acabou de sair da prisão”. “Pq ele tava na prisão?”. “Ele matou um cara”.

--2:08:59 9:20 como ele percebeu que era gringo, parece que foi tolerante e não quis me cortar em pedaços.

9:39 Conheci Madame Satã na Lapa, numa discussão sobre racismo. Aquilo foi muito engraçado. Homossexual, preto, capoeirista, andava com navalha, brigão. Eu tava num bar na Lapa. Causo da Madame Satã. Comparação racismo Brasil e EUA. Madame Satã concordou com ele que havia racismo no Brasil também. Lá é institucional. No Brasil é pessoal. Não sabia que era o Madame Satã.

-2:06:36 11:42 Mas eu tive essas experiências. Conheci todos os puteiros daqui do Rio. 22 anos de idade, solteiro, no RJ, sem ter o que fazer, então vou fazer o que? Ia de noite lá pros bares.

-2:06:09 12:08 Rachel: porque você pesquisou as redes de água e não o racismo? Jim: porque o Tony pediu. O Tony tava selecionando os títulos dos artigos, David fez de escola de samba... eu não sei porque. Acho que falei uma vez sobre como faz.. porque perguntei uma vez como fazia as redes de água. Então eu fiquei sabendo. Tive informação que era útil e combinava com tese do Tony de que o pessoal era muito urbano, muito sofisticado, e sabe o que tava fazendo.. eu disse “eu faço”. Escrevi tudo que sabia, perguntei a Dona Maria, onde eu morava, quem fazia as redes de água, falei com os caras, explicaram. Escrevi, fiz aquilo, nem sei mais o que escrevi. Me lembro do perigo, porque virava uma bala aquela broca, bastante tensão.

-02:04:34 13:45 Rachel: e você acabou nem apresentando o trabalho. Jim: não porque dentro disso eu recebi oferta para ir pra USAID trabalhar na área de habitação, inclusive por causa do meu português, e o fato que eu conhecia bem o pessoal das favelas, me dava bem com eles, então me contrataram porque estavam negociando contrato com governo da Guanabara para fazer trabalho de organização das favelas. Isso foi a coqueluche daquela época. Tinha o movimento de desfavelamento aqui em São Paulo, tinha outras coisas na PUC no Rio, se não me engano. Era espetacular. Urbanização. Finalmente vou conseguir alguma coisa que vai dar pra organizar uma comunidade e vai trazer benefício para a população. Ledo engano, né.

14:47: Rachel: o que aconteceu lá? Jim: cleptocracia, basicamente. O pessoal da favela é muito em certas coisas. Todo político é vagabundo. Deputado bica d'água. É o cara que só diz que vai fazer bica

de água, faz, constrói com grana do estado. Até o dia da eleição. Se ele for eleito, acaba a água, se não for, também. Então deputado bica d'água é quando promete, a gente cobra e aproveita, mas já sabe que vai ficar sem água. Regra de andar na asa do avião: você nunca larga uma coisa sem pegar outra primeiro. Essa é coisa do favelado daquela época. Fiz isso e fui trabalhar... inclusive tinha dois escritórios: organização de favelas e planejamento urbano. Eu fui trabalhar nos dois.

16:37 mas quando eu vi que você tava trabalhando com negócio urbano, eu me interessei porque eu ia estudar planejamento urbano em Columbia quando terminasse meu tempo no Brasil. Mas mudei de ideia. Columbia é no meio de Nova York, cheio de dificuldade para dinheiro. Caro. Eu tinha uma mulher, então ela não falava bem inglês. Seria ajuda em NY, mas ela não era de trabalhar, não. Era garota de Ipanema. Eu fui pra USAID e conheci Marcílio Moreira. Não conheço tão honesto como ele. Uma vez ele estava fazendo imposto de renda, de um dia para o outro ações da bolsa subiram e ações na declaração adquiriram valor maior, foi lá pra alterar a declaração de ativos para outro número, mesmo já tendo feito. Entregou três dias antes. Disse que não podia se beneficiar dessa mentira. Ele é esquisito, quieto, mas simpático. Gostava muito dele. [Collor?] botou Marcilio lá dentro

19:26 Marcilio era diplomata. Roberto Marinho trouxe bicho de estimação tartaruga. Era anedota tartaruga mais rápida que Marcilio. Brilhante, etc 20:30

20:32 Rachel: quanto tempo ficou na COPEG? 20:36 Jim: lá até terminar o tempo. Eu fiquei uns 8 meses mais ou menos

20:44: Rachel: mas você era voluntário. Aí o período de voluntário foi 65?

20:53 Jim: até 66.

20: 59 Eu fui transferido com o mesmo salário que era um e meio. Eu saía de terno, todo dia, da favela e ia pra USAID no edifício do Banerj

21:17 Rachel: e você continuou morando no Jacarezinho?

21:20 Jim: é claro, não tinha dinheiro pra pagar aluguel e eles não pagavam pra mim. Não era um emprego, era um voluntário escravo transmitido para outro fazendeiro. Mas conheci conselhos de moradores das favelas da cidade.

21: 49 Eu fui na Cidade de Deus num dia de calor, nunca me esqueço disso, pra falar com conselho de moradores pra fazer organização do que já tinha virado favela, em 66 ainda. Uns 40 graus a sombra, almoço era angu a baiana naquele calor. Comi. 22:33 comi e pensei que fosse morrer e era angu como se faz no norte, vísceras, pesado. Aí não deu pra fazer o projeto lá. Aliás, na USAID decidiu fazer organização de favela.

23:23 fizeram experiência com uns 4 projetos de habitação, que era Cidade de Deus, Vila Kennedy, Vila Aliança, Vila Esperança. E todos foram fracasso, porque ninguém conhecia a favela, eles não queriam sair da sua comunidade, mesmo sendo separados, isolados, periféricos, não fazendo parte daquela cidade, daquele bairro, mas faziam parte econômico, faziam compras lá, os filhos estudavam lá, então eles tinham uma espécie de... embora os amigos vizinhos era somente o pessoal da favela e além do mais, a favela não abrigava somente mão de obra desqualificada. Eu tinha muitos amigos lá, um era Flávio, Flávio Romano. Deve aparecer... Sebastião era desenhista de garrafa da Cisper. Era trabalho qualificado.

24: 37 Rachel: O Romano fazia o quê?

24: 40 Jim: Nada, porque ele foi aposentado, ele foi esmagado dentro de uma máquina. Quem salvou a vida dele foi o Lutero Vargas que era cirurgião. Ele tinha quebrado quase todos os ossos do corpo.

25:04 Rachel: ele tinha formação em alguma coisa?

25:09 Jim: Flávio, não. Ele escrevia bem. Outro era Ernani, preto retinto, muito simpático e Sebastião, que Tony não gostava muito de Sebastião, porque achava ele muito classe média. Mas Sebastião era o cara mais qualificado de todos eles.

25:39 Muitos anos depois, eu encontrei o Ernani vestido de africano, num coquetel. Eu disse: Ernani. Xiu... eu tinha dado aula de inglês pra ele uma época, ele não tinha jeito nenhum pra inglês.

25:56 Rachel: mas ele escreveu uma carta em inglês pro Tony.

26:00 Jim: ah é? Ele tinha um sotaque carregadíssimo. Eu perguntei o que você está fazendo, Ernani? Ele disse: eu? como assim? Eu perguntei: mas como? Eu venho as festas vestido de africano com meu inglês macarrônico e fico tomando uísque, comendo salgadinho, e ele era de Belford Roxo. Engraçado... “O que você vai fazer se te pegarem?”. “Vou rapar pra Belford Roxo”. Sebastião era o cara mais esclarecido. Flávio era simpático

27:07 David acabou namorando a Peggy Rockefeller. Eu não sei como terminou porque saí pra USAID, mas eu duvidava. Ina também fazia parte, era amiga da Peggy. Jim: e o sociólogo que trabalha com você é o filho ou é o próprio Machado, sociólogo que era da puc?

27:40 Rachel: É o próprio.

27:42 Jim: manda um abraço, eu gosto muito dele.

28:30 Rachel: eu tinha perguntado a Liz sobre Jim. Liz Leeds disse que perdeu contato seu.

28:40 Leeds veio uma vez lá na USAID e queria me fazer uma proposta de inserir ele lá num projeto qualquer pra ganhar dinheiro. Eu disse “Tony eu não posso fazer isso. Eu não sou de usar esse tipo de

coisa. Se tiver alguma de coisa eu te aviso. Mas eu não vou tentar forçar a barra”. E eu tenho um cara que sabe disso. Então eu me afastei um pouco dele. Eu gostava do Tony, mas eu não gostava da metodologia dele, porque era baseado em assunções erradas, por exemplo: favela é tudo urbano, não tem gente matuta lá, mas não é bem assim, não. É uma comunidade periférica de trabalhadores, 99 por cento era de trabalhadores. Agora inverteu. Fiz anos de palestra de segurança pessoal que envolvia favelas e tal, como pode... percebi que nos 90, virada do século, você não entrava mais em favela. Uma vez entrei no Catumbi. Causo do Catumbi.

31:58 o cara era vice-presidente da Bozano, me contou porque ele sabia da minha história nas favelas. Aquilo inverteu. Naquela época, favela era uma certa vergonha para quem morava lá dentro. Moças que conheciam rapazes do asfalto não davam endereço, encontrava na casa de amiga.

32:26 Hoje mudou. Até nome não é mais favela, é comunidade, porque criou-se uma identidade própria. O isolamento fez com que o pessoal não precisasse mais da vizinhança no asfalto porque tinha droga, e droga dava muito dinheiro pra sustentar, e bandido gostava da favela porque

32:55 era um labirinto, correndo atrás de outros bandidos, ou da polícia, ou seja, quem for. Você entrava no Jacarezinho, por exemplo, se você conhecesse as casas, você passa por debaixo de alguns na rua do rio, você vai subindo, etc e tal. Tem três saídas: uma por Maria da Graça, em cima, Vieira Fazenda, lá embaixo, e pela fábrica Grapete, onde eu morava.

33:25 Tinha três saídas tranquilas. Se polícia entrasse, você escapava a pé. E se você entrasse pelo Largo do Jacaré e subia e descia de novo por Maria da Graça você já tava no engenho novo então pra polícia te pegar e igual Pavão e Pavãozinho, em Copacabana, é contíguo a Cantagalo. O cara corre do Pavãozinho para Cantagalo, a polícia tem que dar uma volta todinha com carro pra poder esperar ele no Cantagalo. Aquilo demora muito tempo e sumiu. Ou ele desce do outro lado e dá no Grajaú, do outro lado dos morros da Floresta da Tijuca. Então, é... era muito... 34:37

34:38 útil para o bandido. Mas enquanto tivesse essa relação com a comunidade, essa relação com a vizinhança, isolado economicamente e socialmente, mas que fazia as compras lá, usava os correios lá, etc e tal, podia falar com a polícia 35:02

35:03 se você passar a vender drogas, você controla a população. “O que você precisa? Mando o menino ir lá pra você, me dá a lista”. A mulher ficava satisfeita. Para evitar contato com asfalto. E isso mudou totalmente. E a ideia da organização de comunidade era pra evitar que isso acontecesse e não aconteceu porque... letargia e cleptocracia da polícia 35:50

35:51 dos políticos etc. Jacarezinho recebeu pilha, fizeram em frente a Fundação Leão XIII um monte

de manilhas de esgoto ou água, não me lembro qual. E eles como promessa de organização de comunidade iam abrir caminho botar água e esgoto. Jacarezinho era fedor por causa de esgoto aberto. Então ia ser maravilha se consertasse, e o pessoal: “oba!”. Foi passando o tempo, criou-se ninho de rato lá dentro. Até que um dia acordei e não tinha mais manilha. Alguém já acordou para a coisa e foi lá e roubou tudo. Acabou. E eu senti isso, porque eu tinha que selecionar favelas baseada na sua condição de organização e normalmente é um critério social que 37:19

37:20 será que o pessoal tinha condições de aguentar ou dinheiro para bancar a vida numa comunidade um pouco mais aberto, talvez até com impostos, político tinha organização para aquela comunidade, político ou líder, seja lá o que for, identificar esse pessoal e ver a topografia. Não adianta fazer no Salgueiro, o Salgueiro é assim (íngreme) morro, ou Borel, Tuiuti mesma coisa. Tuiuti, se você for guerrilheiro e quiser explodir o arsenal da marinha, é só subir lá em cima com morteiro e foi-se. Toda a Praça Mauá ia pros ares. Mas isso fez com que a favela, ela passou de uma parte da comunidade do asfalto, isolado, mas com uma função econômica e até uma função social, desde que você não tivesse que socializar com eles dentro da favela, mas tinha escola de samba, tinha festa junina (38:57) o pessoal quase favela porque o pessoal mais proletário, mas tinha casa própria, então havia uma possibilidade de união, de coalização principalmente se tratasse de problemas do uso de todos, como esgoto. 40% das residências no Brasil não têm esgoto tratado. Então se você juntasse uma comunidade numa região administrativa no RJ. Eu tentei fazer isso. Uma vez falei pro médico do posto no Méier e percebi tuberculose por causa da umidade do Rio Jacaré, contagiosos, etc. Aí ele disse, como você ia fazer, faz o teste de pele. Mostra se você já teve contato com tuberculose. Então será 50 mil positivos que ia aparecer. O problema é o que você vai fazer se dar positivo? Manda pra cá, etc. Nosso raio X está quebrado há um ano e meio e ninguém repõe, é problema econômico de todos, não só da favela, se juntasse toda a região criava pressão pro governo fazer alguma coisa. Tive um caso quando trabalhei na Dupont, tinha coisa pra cobrar no Ceará, cobrar cearense... caso 41:53 caso da cobrança

42: 12 depois do Peace Corps foi para faculdade – Universidade Wisconsin. Hélio Barros que era reitor da Universidade do Ceará. Fornecia filmes de raio X pros hospitais e competia com Kodak. Vendedor no Brasil é tudo malandro (44:16). Pai do Hélio foi general interventor 45:16, quis dar exemplo de como ele usou experiência do tempo do PC pra cobrar o hospital, na base da conversa, persuasão. Falou com o general. Lista de comunistas na qual estava Rachel de Queiroz. Comunista ferrenho em Ceará e pescador. General não prendeu porque era um comunista verdadeiro, era pobre. Ele não gostava dos hipócritas que eram comunistas, mas eram ricos, viviam em coquetéis.



49:31 essa lógica brasileira, essa lógica pessoal, é bonito de ver ele contando essa história, tinha uma casa em Paracuru... quando eu tinha uma bolsa Fullbright nós fomos a casa dele em Paracuru e ele parecia o Don Corleone 49:54 fazia tudo pra todo mundo ficar devendo favor a ele

50:26 e como meu avô era mineiro de carvão desde nove anos de idade, eu simpatizei com esse pessoal. Jim falou para General: “Você não acha que seria interessante esse pessoal poder decidir o que eles querem, para não ter que pedir?” Ele ficou vermelho, “claro que não, porque não sabem o que querem”. Jim contou para o general: Meu avô órfão de pai e mãe, eram 6 crianças, se juntaram botaram uma na faculdade, uma virou enfermeira, meu avô sustentou família da minha mãe, meu pai tava na guerra... General responde: “aqui é diferente. Fui cicerone do Sartre quando ele veio no Brasil. Você não é igual a ele, não. Sartre falava da pobreza da América Latina, ditadura, sentamos na mesa da sala do pobre que ofereceu café e Sartre não tomou porque achou que a água não era boa. Hipócrita esse Sartre porque podia ser o único pó de café daquele pobre e ele recusou.” O general tinha razão.

52:40 mas ele era da ditadura, ou seja, é uma dicotomia difícil de assimilar porque ele queria o bem do Brasil, desse pessoal, mas de uma maneira autoritária, como pai, e não como cidadão. Esse é o grande problema do Brasil, a cleptocracia, todo mundo mete a mão, todo mundo é malandro.

53: 29 Você não pode ter uma sociedade com todo mundo malandro, você tem que ter algum otário, porque sem otário o malandro não consegue ganhar dinheiro. Então é um sistema fadado ao fracasso, por isso que Brasil tem essas crises periódicas, porque tem os otários, até o otário não ter mais condição, ou vira malandro (53:54), um dos dois, como eu fazia no Jacarezinho... “Ei gringo, toma uma branquinha com a gente” (54:02) ou virava malando e deixava pagar todo dia esses caras, tá... ou virava a mesa um só vez pro cara me respeitar e ele entender que não era brincadeira. Então, New Jersey... (54:21) então, isso aí, até hoje é o grande problema. Eu não conheço o Bolsonaro, sei que era capitão do exército... 54:45

54: 46 o que acontece é que o cara que mais conhece o Brasil é um oficial de patente baixa. O tenente capitão, porque quando ele termina academia é mandado pro Nordeste, Norte, Roraima, Maranhão, Pernambuco... vai descendo a costa ou vai pro Mato Grosso... até chegar Brasília. Eventualmente faz ESG, alto comando, então ele no interior, nesses períodos que está em Roraima etc., ele é juiz, conselheiro familiar, policial, economista, sociólogo, ele separa briga de família, manda prender o sujeito, ou seja, esse tipo de conhecimento muito general já esqueceu há muito tempo. Então o cara como Bolsonaro, esse conhece o Brasil, mas não poderá lidar com congresso, porque os mesmos caras que estavam com Lula e Dilma estão lá e são cleptocratas, mete a mão fundo. Então não terá

orçamento, verba pra fazer as coisas. Além disso, as coisas mudaram.

57:10 Voltando pras favelas, por exemplo, as favelas que eu inspecionei na COPEG, uma boa parte delas fazem parte agora do Complexo do Alemão. Virou uma favela e eram umas 15.

57:30 Rachel: então o seu trabalho na COPEG era inspecionar?

57:33 Jim: inspecionar (57: 34) entrar em contato com conselho de moradores, fazermos reuniões, falar, pedir pra eles falarem o que eles esperavam ter, falar como é que era esgoto, como é que era água, organização da escola de samba, se tinha alguma estrutura política, fazia relatório pra COPEG

57:56 Rachel: pra fazer urbanização?

57:58 Jim: para avaliar, porque não tinha dinheiro pra fazer todos. Mas queria evitar aquilo que fizeram com Catacumba no Rio de Janeiro (58:09) remover e colocar na Vila Kennedy. Quando eu tava na USAID eu tive que ir lá com embaixador para visitar Vila Kennedy. Saiu um artigo na Washington Journal – for an aid ... desastre de ajuda externa e citou os quatro projetos: Vila Aliança, Kennedy, Esperança, Cidade de Deus, aí diz: “Quem me leva até lá?” Aí meu chefe David Trubeck disse pra mim: “Você vai lá com embaixador (58:57) no cadilac dele, entrando na Vila Kennedy, de cadilac, as duas da tarde, era 66, fiz pesquisa antes. 75% das casas da Vila Kennedy estavam em atraso com dinheiro porque os maridos ficavam no RJ trabalhando no trabalho que tinha antes e as mulheres ficavam com as crianças lá e com o tempo (59:37) o cara achava outra mulher no RJ. Então era destruição de família. Aí peguei essas informações e fiz relatório e chegamos pro embaixador e... mandaram outro cara junto, chamado Bill Williams. Coitado, o irmão dele era escritor de discursos do John Kennedy e Billie era ovelha negra da família e arrumaram trabalho pra ele na USAID, na área de habitação e ele fazia esses projetos dessas comunidades Vila Kennedy e... estávamos indo pra lá, tem foto disso, mas fomos lá e embaixador disse “que tal esse lugar?” E eu disse: “Desculpe, mas é uma bosta”. Ele disse: “mas é um flap mesmo?” Eu disse: “sim, porque 75 % estão perdendo meses de aluguel e compra da casa. E, além do mais, os maridos estão no Rio trabalhando, as mulheres aqui em Bangu e...”. Entrando lá, tinha uma estátua da liberdade e, já era mês de junho, julho, e todas luzes de natal ainda em volta, o braço quebrado da tocha, eu disse: “que coisa mais tosca, e representativa da arrogância do problema”. Aí eu falei... (1: 01:55). Aí o embaixador tinha um senso de humor, ele era John... lembro depois, era bem irônico, e disse: “estou cansado dos políticos brasileiros que ficam pegando o cheque com a mão direita e vigiando a minha perna”... Ele foi para a Itália depois, se aposentou para Universidade de Bolonha, mas aí ele chegou e disse: “de fato não é Cherry Chase”. Cherry Chase é um subúrbio de Washington. E aí sai um sujeito bêbado e diz “Americano, como vai?”

e vomita em frente ao carro. Aí ele/eu disse que não podia ser mais simbólica essa visita do que vomitar no carro. Aí ele concordou e disse: “E aí? o que a gente faz?”. Aí vem o cara de New Jersey de novo... [Jim responde a ele:] “Você pode dizer que é uma porcária e pode ser transferido pra Nigéria, ou você pode culpar os brasileiros”. “Como assim?”. Eu disse: “Ué? Ninguém assinou essa porcária?”. Era projeto de Lacerda... ele disse: “É. Temos o governador Lacerda...”. Eu disse: “Então, qual foi a raciocínio dele?”. Ele disse: “Era botar mão de obra lá em Vila Kennedy e as fábricas iam seguir”. Eu disse: “Burrice. Fábrica não vai atrás de mão de obra (1:04:22), é o contrário. Então, põe a culpa no Lacerda e ele que se lasque”.

1:04:33 Rachel: você vai estudar economia depois disso? Jim: é, porque eu, como eu já havia me redimido com PC e exército, eu disse: “Vou fazer faculdade de direito” e eu conheci naquela época, por causa do projeto MEC/USAID, tava lá o chanceler da Universidade de Wisconsin em Milwaukee e conhecia Milwaukee Wisconsin. Não era avesso a viajar, gostava, aí disse: “Tudo bem. Então, vou falar com esse cara: minha ficha é péssima, não estou brincando com você”. Falei minha história, como fiz bagunça na vida. Ele disse: “Tenho filho igual. Vou falar com o setor de admissões”. Aí entrei, mas fiz economia porque eu achava que economia (1:05:48),

1:05:49 até hoje acho, que sou produto do iluminismo do século 18. Tem livro do Smith “A riqueza das nações”, descrição de uma máquina, de como funciona o mercado, e não tem nada a ver com o que está por trás, na Teoria dos Sentimentos Morais, que ninguém leu. A base da prosperidade é a simpatia mútua, o bem está na satisfação do outro e no seu próprio. Hoje em dia, chama-se empatia. Você não pode ler “Riqueza das nações” sem esse livro. Porque é livro moral. Adam Smith, maravilhoso... genial mas esquecido/distraído, anedota do chá... escocês de nascimento, os keltun são famosos por ironia e sarcasmos. 1:09:40 Smith escreveu “Riqueza das nações” como gozação, sátira dos capitalistas da época. Jim escreveu história assim. Filho de banqueiro que achou carta de Smith dizendo que tinha escrito “Riqueza das nações” e que tinham levado chacota a sério. Conta o caso. Adorei essa estória, eu ia publicar, mas não iriam publicar.

1: 15: 43 Rachel: seminários, você falou que Tony pegou alguns voluntários e originou trabalhos para o congresso. Você frequentava esses seminários? Jim: eu ia no início, eu ia em outros seminários sobre favela, da MUD, em São Paulo. Esse foi interessante porque conheci elite de São Paulo. São Paulo parece EUA por causa da hipocrisia financeira, econômica. Carioca é mais debochado. Eu fui a conferência do MUD e um sujeito perguntou: “o que vocês fazem lá na favela?”. Era antiamericano, da esquerda, mas festiva. Eu disse estava lá pra ajudar a ensinar o pessoal a fazer as coisas, comunidade,

etc e tal e: “O que é isso? O que vocês ensinam?”. “O que nós sabemos e o que eles querem (1:17: 40) se eles quiserem saber como montar conselho de moradores, a gente ajuda”. “E se eles quiserem ser ladrão?”. “Mas não tem ladrão lá dentro”. “Que eu saiba em muito” “Eu ensinaria, sim. Eu sou de New Jersey nos EUA e muitos dos meus amigos são ladrões, então eu ensinaria, sim”. Ele fez uma reclamação com a direção da PUC/MUD lá do seminário. Tive que pedir desculpas formais a ele, e na favela também. Como é na favela do Rio e Jacarezinho, era impressionante de se ver quando vinha senador ou deputado que era das finanças da câmara, que era responsável pelas finanças do Peace Corps, mandava visitar a favela. Como eu falava bem o português e conhecia bastante gente na favela, ligavam “ó, tem um deputado que tá vindo aqui. Vem de Califórnia. Você pode mostrar a favela?”. “Posso”. Aí fui pegar na embaixada, levei na porta da favela, entramos pela Graçete e havia chovido. “Eu vou levar esse filho da puta, cheio de lama”. E eu vi que ele tava com nojo, mas queria ver de qualquer jeito. Aí eu tava andando com ele e ligeiramente pisando tinha uma pedra, ele ficou em cima da pedra e mandou tirar foto. Virou e me diz alguma coisa: “Tem muito comunista aqui dentro?”. “Não, de jeito nenhum. Olha os benefícios que o capitalismo dá: uma casa na beira da praia, toda vez que chove tem uma piscina em casa, você ainda pode pegar de graça tuberculose, gripe (1:20:51) pneumonia, você é imunizado de graça, por que alguém ia ficar com ciúme do que o outro tem? Por que ia ficar ambicioso a ponto de ficar comunista?”. Ele disse: “Você está me gozando?”. “Não. Estou achando o povo da Califórnia muito burro de votar em você”. O cara voltou pra embaixada, fez reclamação com Lincoln Gordon e tive que ir lá pedir desculpas a ele. Gordon era engraçado, professor universitário senso de humor irônico. Joan Marasciulo me chamou e disse que tinha que pedir desculpas ao senador. Acho que não era nem senador, era da CIA porque me deu nome de um ator que fazia filmes de bang bang... perguntou sobre comunismo... “Ele disse que você chamou ele de burro”. “Só disse que o pessoal da Califórnia era burro de votar nele”. “Ele quer que você peça desculpas a ele na frente do embaixador” (1:23:16) descreve cena. (...). “Senador eu peço desculpas porque você é burro”. Ele ficou vermelho, puto nas calças (1:24:13) (...) mas tinha muito disso.

1: 24:48 Rachel: e você já tava terminando o tempo de serviço? Jim: mais ou menos, tava na USAID mas ele não sabia nada da minha função lá e para ele eu era um dos voluntários. A gerência lá em Washington não sabia que estava cedido para USAID. Ou seja, ele voltava pra lá e disse: “um voluntário falou mal de mim. Quero fazer reclamação”. Esse pessoal de Peace Corps era doido de qualquer jeito... tinha um cara que eles visitaram uma vez e tinha um mapa do mundo de cabeça pra baixo. Ele disse: “Qual é o problema? O mundo não é assim, não?” O cara tá... Anomia social, alguma

coisa dessa, não está normal, não. Havia esse tipo de pessoa no PC, pessoas que ficam irritadas com status quo, senão você não ia entrar no PC. Nesse sentido, o senador não ia encontrar audiência. De qualquer maneira tinha foto pra mostrar pros eleitores. Aparecia muita gente assim lá

1:26:48 quando eu saí da Universidade Wisconsin, mestrado em economia, eu ia fazer PhD, mas acabou dinheiro e eu ganhei bolsa fullbright para o Brasil, pra terminar minha tese, aproveitei. Foi no ano de 72 mais ou menos. Voltei pros EUA em 68, trabalhei com Organização de Comunidade em Charlotte, North Caroline. Foi interessante. Apliquei tudo que aprendi no Brasil e com Saul Alinski, que fala de burocracia da elite e diz que a lei é escrita por gente que escreve em seu próprio benefício. Ele acha que é esse o comportamento que deveria se ter, como eles tem isso, você usando isso, o game system, você usa isso contra eles. Por exemplo, o código de habitação. Quais as condições mínimas pra uma casa habitável alugar, vender? Ele escreve: a lei, porque é o que eles querem que sociedade siga. Não pode morar numa tenda junto de gente endinheirada. Não pode fazer casa grande em área reservada para casas de menor tamanho. E Saul Alinski diz: em vez de você derrubar a estrutura, faz com que (1:28:59) a estrutura faça a sua vontade. Rachel: e os moradores de favelas são craques nisso. Jim: exatamente. (1:29:06) Então eu juntei um grupo, era comunidade negra perto de casa. Aquela vizinha: “are you working with negros?”. No dia em que mataram Martin Luther King, eu estava dentro dessa comunidade. Me tiraram na mala de um carro, porque branco não era bem-visto e todo esse pessoal que detestava negro perguntava o que estava acontecendo lá na hora. Estupraram uma mulher branca. O que eu fiz foi: o lugar era uma favela maltratada. O riacho era azul de química. Eu chamei eles e disse: “Vocês querem alterar isso?”. Tinha uma senhora fanha e era fantástica, rapidez de raciocínio, percebi que ela era líder. Só tinha mulheres, era matriarcal. Perguntei se topavam fazer reunião sobre isso, disse que ia ensinar como funcionava a legislação dos brancos pra usarem isso a favor deles. O risco era brancos usarem isso pra despejarem os moradores. Treinaram o pessoal. No dia da reunião pegou um repórter e fez reportagens. Nunca apareceu nome de Wygand, mas ensinava pessoal como falar. Flack catcher estilhaços da bomba. Eles vão mandar flack, mas rechaça. Diz que quer falar com o chefe, com alguém que manda. Fizeram isso. A mulher fanha começou a falar e conseguiu agendar inspeção das casas com cara que tava enrolando, dizendo que não sabia da agenda. Todas as casas estavam condenadas. Ou fechava as casas todas e galera ficava na rua. Mas proprietários foram condenados a colocar tudo em ordem. Long hot summer é um período que sempre acontece riots. Tinha que ter um programa de verão. Jim juntou um time para programar o que eles queriam fazer no verão. Vôo de helicóptero. Escreveram projeto. Fechar rua, escreveram proposta e

enviaram. Cidade dividia em três partes: Oeste, Norte e Sul. Juntou geral para falar sobre long hot summer, galera das outras partes da cidade gostaram do programa e quiseram fazer. Proposta foi recusada, disseram que era divisionista. Manda carta pra Washington dizendo os custos da proposta e solicita aprovação. Mandaram. Veio equipe de auditores de Washington, descobriram desvio de grana de um milhão e meio de dólares do chefe do programa.

1:42:10 Rachel: antes de entrar pro PC você tinha essa concepção de desenvolvimento de comunidade? Jim: de uma certa maneira sim, porque aonde eu morava era pobre. Então você tomava ferramenta emprestada de uma pessoa, o cara te ajudava e tal. Era todo mundo veterano de guerra, felizes de voltar pra casa. Era simpatia mútua, mesmo quando começou recessão, muita gente ia chorando na casa da minha mãe, com medo que marido perdesse emprego. Então eu ouvia essas coisas. Meu avô era órfão de pai e mãe aos 9. O irmão comunista fez primeira greve criança. Harlem County – filme que aparece esse comuna. E o irlandês é pobre de nascença, mora junto com os porcos e o gado, dentro de casa só come batata, bebe bem. Tem um senso de ironia próprio dos kelton mesmo.

1:44:53 Rachel: então não era elaborado, mas a visão de comunidade... Jim: a visão era o absurdo de autoritarismo, também estudando em escola católica com punição corporal, você aprende sobre as injustiças da vida. Porque as vezes você não fez nada, mas apanha por causa do outro.

1:45:21 Rachel: O que te chamou atenção no PC pra você ingressar? Jim: porque era nobre dos EUA, era considerado um sacrifício para o bem-estar da humanidade. A propaganda era essa. O Kennedy dizia: “Ask not what your country can do for you but what you can do for your country”. Mostrar a propaganda de gente boa. Como eu era pobre, a única chance de viajar pro exterior era essa. Não podia passar fim de semana em Paris, mas tirei dois anos morando na favela do Rio. Acho que essa é a formação, eu fui na faculdade fui protegido. Mãe judia e mãe irlandesa. Conta piada.

1:49:50 minha família era muito solidária, muito unida. Esse tio comunista, meu avô que era um piadista, ele fez de tudo na vida assim como eu, eu dirigi caminhão, fui garçom, fui bicheiro...

1: 50:17 Rachel: esse senso de desenvolvimento de comunidade, você via nos outros Peace Corps? Jim: depende. Porque PC atraía muita gente rica também. David conheceu Peggy, por exemplo, através de Ina Dutra etc. Eu disse: “David, toma cuidado: o pai dela vai botar banca, não vai deixar casar com ela, você é de South Boston, ela é Rockefeller, o pai dela é dono do Chase Manhattan Bank, você, com muita sorte, se o pai dela for ultraliberal, simpático, gostar de você, achar que vai ser bom marido pra filha dele, até vai te deixar casar, do contrário, vai querer te ver casado com outra mulher”.

1:51:30 Peggy estava outro dia lá em casa no Jacarezinho durante negociação do FMI no Rio, no

Museu de Arte Moderna e David Rockefeller estava lá. Por isso que ela estava aqui no Brasil com Ina e outras pessoas. Aí ela disse “poxa esse pessoal de favela é muito simpático, gosto muito deles, gostaria de ajudá-los”. Eu disse: “Quer ajudar? Vai lá para o Museu de Arte Moderna, que é a reunião do FMI que vai botar sanções ao Brasil e o Brasil se endividar, para que eles possam fazer essa recessão num país pobre, vai lá, entra e diga: daddy, shut up. (1:52:37) Conta o que você viu aqui”. “Eu não posso fazer isso”. “Então faz outra coisa, mas o que você pode fazer de útil mesmo (1:52:50) para esse pessoal, é isso, é impedir que o FMI imponha punições ao Brasil para que ... porque teve um Rockefeller com influência lá”.. “Ah, mas não posso”. 1:53:06

1:53:07 Ina uma vez tava falando de socialismo e ficou puta comigo. Flavio, Ernani estavam lá. Eu, Ina e Peggy, David. Ina: “A melhor coisa pro Brasil é o socialismo”. E Ina é rica, o pai dela é dos correios, diretor, algo assim. Aí, disse: “Um minuto”. Puxei a bolsa dela peguei a chave do carro e disse: “Em nome do povo estou confiscando esse carro”. “Você não pode fazer isso, é roubo”. Eu disse: “Não. Porque não estou tirando a sua propriedade, o título ainda é seu. Inclusive, uso eu segunda feira, na terça usa Ernani, quarta o Flávio, quinta feira o David, sexta, sábado e domingo é seu”. “Mas eu quero que todos tenham carro”. Mas até que todos tenham um carro, temos que arrumar um jeito pra mostrar a todos como o socialismo é justo. “Ah não você não vai levar meu carro não”. Pois é... assim pensa muitas outras pessoas, de modo que não adianta falar de socialismo sentado, tomando black label numa poltrona. Mais outro caso de alguém que tinha ap com vista para Lagoa e falava contra a ditadura e se dizia comunista.

1:57 : 42 Caso do coronel contra organização de comunidade quando ele estava na COPEG. Dizia que favela era antro de ladrões, mal caráter... Perguntou a ele porque iria organizar – responde: “para integrar à comunidade em volta (1:58:09) porque deslocar para meio do mato agora você está feliz? É proprietário? Ele prefere é comer. Então porque não deixa onde ele está e melhora as condições de vida? E também vizinhança poderia depender do comercio deles etc e tal trazer prosperidade local”. Pergunta se tinha subversivo na favela. Jim respondeu. (1:59:00) “Sim, todos são”. “Como todos?” “Coronel, você acha que alguém mora na favela porque alguém acha bacana morar na favela? Está satisfeito de morar lá?”. “Não entendi”. “Veja bem, o cara tá lá no interior, com a mulher dele e diz: faz as malas porque a gente vai morar no RJ, num lugar miserável, cheio de água aonde enche sempre que chove e vai pegar tuberculose... você acha que a mulher dele vai querer ir? (1:59:51). ela não está mudando para melhor, não há benefício para ela. Não vejo razão pro cara do Jacarezinho não virar subversivo. Ele quer sair de lá de qualquer jeito. Pode não querer fazer revolução. mas que ele é

subversivo e insatisfeito...”. Mas é interessante esse tipo de coisa.

2:00:33 Por isso que as vezes eu debatia com o Tony. Dizia: não... aquele negócio do Tony: deixa o índio em paz. Não. Deixa o índio escolher se ele quer ficar em paz ou não. Alguns índios querem ficar isolados, tudo bem, é direito deles. Mas outros não. Estão vendo prosperidade na sua frente, vê o cara dirigindo carro, comendo bife na sua frente. Não é obrigado a viver certo tipo de vida porque outro que veio de fora achou que era a cultura dele. Talvez ele queira mudar de cultura. Eu mudei da minha. Então eu não vejo nenhuma razão para o qual você tem que cristalizar os índios. Você não acha que eles não têm o próprio salvador? Não precisa criar ícones pro cara obedecer, mas infelizmente o cara é branco e ele é índio. Não, ele nasceu igual. Essa é essência do iluminismo. Não é para criar capitalismo, é pra criar igualdade (...).

2:02:36 Rachel: você, quando estava escrevendo trabalho pro ICA, chegou a ler alguma coisa para fundamentar o trabalho, ou foi só feito com base na observação de campo? Jim: só vivência e conversa com outros caras, perguntar como faz.

2:03:01 Rachel: você lembra do Paul Silberstein? Jim: me lembro o nome, acho que conheci alguma vez talvez no Tuiuti, não sei... porque quem morava no Tuiuti era Charles O'Neil. Ele eu conheci.

2:03:24 Rachel: e ele ... sabe se escreveu algo depois? Jim: Não. Terminou o serviço e voltou. Isso que é chato do negócio, porque é uma experiência muito rica, se você souber aproveitar, mas muitos outros fizeram porque não tinha o que fazer... era o programa dos jovens supérfluos dos EUA, porque não podiam empregá-los, porque não tinha talento, capacidade, eram meio revoltados, difíceis de coordenar... então acha alguma coisa pra eles sentirem que estão ajudando o mundo.

2:04:25 – coloca na Bolívia, no Brasil.

2:04:33 Rachel: e você também não sabe se o Charles... como começou a fazer a pesquisa... Jim: não sei. Eu já tava meio afastado do Tony depois que ele foi dentro dos... como se chama? do arquivo dos papeis submetidos.

2:05:24 Rachel: ... tem as notas de campo de Peggy, David... Jim: é porque eles levaram a sério essa parte da coisa porque ele disse escuta... você, publicar sobre a miséria dessas pessoas, a natureza dessa cultura da favela, etc. e tal, os problemas que eles enfrentam sem fazer nada pra ver se eles querem mudar isso, pra mim isso é uma crueldade. Se você vai achar algo errado, tenta consertar. Se não acha errado, ou acha incapaz de fazer, deixa como está. Pra que vai levantar a esperança de uma pessoa? Não minta pra pessoa. E existia um pouco disso. Com o pessoal de Charlotte, eu não fiz ilusão. Eu disse: se fracassar, pode todos perder a casa, mas o futuro é seu. Você quer fazer? Fazemos. Coragem.



Uma das coisas que organização de comunidade requer é que você trabalhe pra não ter mais trabalho. Entregar o destino das pessoas para as pessoas, mas é perigoso porque está estimulando as pessoas a pensar por conta própria. Trump não tolera ninguém. Só ele é brilhante narcisista. Se ignorar o outro, ignora a sociedade e ele não vive em sociedade, e cruel.

2:09: 48 Rachel: recebia alguma orientação de observação nas favelas? Jim: eu perguntava sobre conselho de moradores, quem era presidente, ia na casa. Tinha um cara que todo dia de pagamento ganhava vale. Seu Orestes recebia vale. Jim fala dos gastos dele: só ônibus pra ir a Ipanema tomar sorvete, comer um abacaxi e voltar pra casa. Emprestava dinheiro pra Orestes. Chefe do Orestes dizia que não tinha fluxo de caixa pra pagar, que tinha mulher e filho. Jim perguntou: “E você também não tem não? Você trabalhou pra ele. Justo seria ser sócio do chefe”. Recebia vale, enchia a cara e saía na rua com o 32, dava tiro pro alto, chamando chefe de filho da puta. E ele ia a Ipanema pra namorar, depois saía 2 da manhã com a rapaziada. 2, 3 da madrugada, pegava o 474, descia no Largo do Jacaré.

2:13:58 relação com moradores. Acabava ouvindo sobre a vida das pessoas e isso ajudava a manipular se quisesse organizar algo na comunidade. Caso de um pai que dizia que o filho sempre levava bomba na escola. Jim sugeriu que fosse discriminação na escola. David ensinava inglês na escola de Padre Nelson. Era reitor dessa escola e foi professor de Grande Otelo quando era pequeno. Uma vez viu peça com Grande Otelo. (...) viu mulher do presidente da Esso que era cantora, atriz e fazia parte desse grupo. Perguntou se não queriam atuar no Jacarezinho. Deu reboliço quando crianças viram Grande Otelo. Se você simpatiza com o outro, entende a cultura, você cria empatia.

2:18:18 vai ao banheiro de novo.

### PARTE 3 volta do banheiro

TEMPO TOTAL: 33:28.

0:21 negociação de 6 sequestros no Brasil. Trabalhou com companhias de segurança. Toda experiência de PC ajudou porque quando trouxe Kroll, companhia de investigação, pra cá, foi chamado pela polícia civil. Investigava reputação de companhias, empresas etc. (2:10).

2:21 caso do sequestro do cara da coca cola que o filho negociou tudo com intermediação de Jim. Jim se arrependeu porque o cara depois reclamou com o filho de 17 anos. Vítima do sequestro é a família, não é o sequestrado. (6:00)

6:25 sequestro do Abílio Diniz. 6:45

7:18 experiência nas favelas foi uma educação para ele, contribuiu para atuação nesse trabalho de intermediação de sequestro. 7:55 Eu cheguei aqui no Brasil muito verde. Mas você aprende e como eu

tinha essa criação meio protegido, também criou-se a preocupação com o outro. Minha mãe era boa pessoa, mas dizia: cuidado quando conhecer outra pessoa para não se desapontar. 8:53 meu pai era um cara super honesto também. 10:02 dizia para as empresas os riscos de investir no Brasil. Faz análise de riscos. 10:25 foi presidente de três empresas aqui: Business International, Kroll e Control Risks.

14:15 Rachel pergunta porque escolheu ficar no Brasil. Jim fica onde é bem tratado e se sente bem. Fica em qualquer lugar. Se identificou com determinados valores, a simpatia do brasileiro, generosidade. Carioca é irreverente. Causo do Buraco do Lume – Acapulco dos pobres.

19:35 Jim: eu não briguei com Tony. Só me afastei. Um cara inteligente, simpático. Quem sou de criticar o que ele tá fazendo? Não vou brigar porque a metodologia dele é diferente da que eu seguiria. Aí eu fui pra USAID, me chamaram de traidor, que eu vendi minha alma, apesar de ter ficado com o mesmo salário e os custos mais altos, porque tive que comprar o terno.

20: 44 Quer falar o que aprendeu dessa época nas favelas: melhor coisa na época que trabalhei foi organização de comunidade. Primeiro porque você já integrava aquilo que já estava integrado de certa forma. E além disso, você não interrompe tanta coisa da vida do outro. Então eu apoiava esse negócio. Muita gente achava que tinha que remover. Se o cara selecionou esse lugar pra morar, Cantagalo, era uma merda pra morar, por exemplo, urbanizar seria muito difícil, talvez você disser você vai morar aqui, mas em outro tipo de comunidade. Acho que isso faz parte, porque trata ele como cidadão e não como objeto a ser modificado. E hoje em dia, a grande dificuldade é que, você sabe quem é Marcola, eu li uma entrevista dele. Ele disse: eu quando era menino correndo na rua pobre, era invisível. Agora que sou Marcola e vendo droga pra seus filhos, eu sou o Marcola, não sou mais invisível. Então, acho que um outro cara operário me falou que de macacão você é invisível, uma peça. A filosofia é a mesma. Sou um ser humano, tenho individualidade, mas precisa me deixar viver do jeito que quero e o que falta é isso. Você conhece Roberto Castelo Branco da Petrobrás? Era da Vale e foi pra Petrobras. Ele leu meu relatório sobre economia e riscos. Ele conversou e disse o problema do mundo é as pessoas que querem fazer bem, sem perguntar pro cara o que é esse bem.

25:52 Rachel: conferência de Friburgo de 65. Jim: lembro do PC que a gente se juntou. Eu liderei aquele negócio dos melhores salários. Se vocês querem que a gente faça nada, vai ter que pagar por isso. Porque a gente não entrou aqui pra fazer nada. Por isso que eu fui transferido pra USAID, inclusive, porque eu tava fazendo um reboição lá com o pessoal. A gente fazia reunião no Tuiuti, na casa do Charlie. Fazia reunião no escritório do PC no Rio. Eu convenci todo mundo a toda vez que Fermino Spencer, que era o chefe do escritório, sugeria alguma que a gente queria, a gente fazia assim:

(balançava a cabeça do sim) e toda vez que ele fazia alguma coisa, fazia assim: (balançar a cabeça do não). Daí ficava olhando o grupo com esses sinais físicos de concordância e discordância. Ele ficava procurando saber a concordância e acabava dizendo tudo que a gente queria que ele dissesse. Mas me chamou e disse “Qual é o problema?”. “Fermino a gente não tem o que fazer. Ficar sentado lá no Jacarezinho olhando pro pobre lá... Não é isso, não. Eles têm necessidades que a gente deveria atender mas a gente não tem alavancagem e vocês tão preocupados com o futuro político dos EUA, talvez ou ser nomeados pra alguma coisa e não estão nem aí. Nós somos a juventude supérflua dos EUA, mas eu não faço questão de ser supérfluo. Eu quero fazer alguma coisa. Não precisa ganhar muito, mas ganhar pra morar decentemente”. Eu fazia parte desse... tinha um cara, Harvey... eu não sou de briga assim não. Ele começou a encher o saco e eu disse: “cai fora”. Brigou com Harvey. Fermino disse que pessoal do Tuiuti contou algo pra ele. Mas eles me ofereceram algo na USAID por causa disso.

29:33 Rachel: então vocês tinham um grupo que se organizava lá no Tuiuti, na casa do Charles? Jim: Rachel: eram quantos, mais ou menos? Jim: as meninas, deixa eu ver, duas ou três – Lucy Moreno, Julie? Era só talvez outra. E dos caras, era Charlie, eu, David Morocco, Ritchie de vez em quando, talvez 7 pessoas.

30: 31 Rachel: Mas era grupo pra discutir coisas da agência, do trabalho? Jim: a gente falava daquilo que a gente via. Com Tony. Tony serviu como uma cola para o grupo, porque ele tinha um propósito de estar lá e a gente nunca achava um propósito. Organização de comunidade: os generais não querem. Programa de saúde: eu não sou qualificado pra isso. Tanto que uma vez teve uma enchente e eu corri pro posto de saúde e me puseram pra fazer bola de algodão pra aplicar injeções, né. Ou seja, eu disse qualquer macaco faz isso! Não estou me sentindo útil. (..)

31: 37 É o grande problema para favela é o cara se sentir útil, porque às vezes o cara mora lá e outro cara mora no asfalto. Não sei, mas acho que isso, de certa maneira, Tony era líder para o grupo num certo sentido. E como eu não gosto de autoridade nenhuma, então líder para mim é sempre um cara pra desafiar. Então acho que o Tony não gostava muito que desafiasse ele. Ele nunca reclamou e eu também não. Eu ouvia de algumas pessoas: “dizem que você é traidor, foi trabalhar pra USAID, pro governo”. Estou fazendo consultoria com eles, fazendo a mesma coisa que fazia antes, mas com um propósito, ver a possibilidade de urbanizar a comunidade. Porque eu não tenho dinheiro pra fazer isso, nem vocês têm, nem o PC tem. Se eu for lá pedir pro prefeito... Agora, se eu trabalhar com COPEG e USAID, dois, três milhões de dólares pras favelas... nunca foi aprovado inclusive, porque ninguém quer favela urbanizada e ativa politicamente. É bom ter pobre.